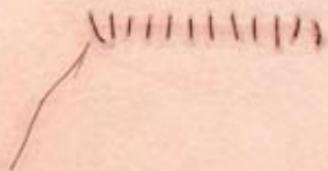


FIONA APPLE



RECONTADO POR
CAMILA KINTZEL

TIDA

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Fiona Apple
TIDAL
recontado por
CAMILA KINTZEL

JUNHO DE 2008
SPECIALS 09

MOJO
SPECIALS

fiona apple

TIDAL

recontado por

CAMILA KINTZEL

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DIREÇÃO DE ARTE: **BASE-V**

PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA DESTA EDIÇÃO: **MARIANA COAN**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Sleep to dream
2. Sullen girl
3. Shadowboxer
4. Criminal
5. Slow like honey
6. The first taste
7. Never is a promise
8. The child is gone
9. Pale september
10. Carrion

FIONA APPLE
TIDAL

LANÇAMENTO: **1996**
SELO: **EPIC RECORDS**



TIDAL

Antes, eu tinha uma obsessão. Decorava a primeira frase de todo livro que lia e a repetia em voz alta, mais ou menos a cada dez páginas, até acabar a leitura. Sempre gostei das primeiras frases, sintéticas e definitivas como epitáfios — que, paradoxalmente, só aparecem no fim.

Devo confessar, entretanto, que essa nunca foi uma obsessão particularmente complicada. Primeiras frases, como primeiras trepadas e primeiros amores, são curtas e impactantes. Como essa aí em cima: “Antes, eu tinha uma obsessão”. Ou como a daquele livro daquele escritor alemão que gostava tanto do Kafka que ficou chato. Você sabe de quem eu estou falando... aquele daquele livro sobre o menino, o que ganhou o prêmio e virou filme.

Não, não importa mais.

De qualquer maneira, a primeira frase do livro do alemão era apenas uma palavra: “Caos”. Essa, eu repetia a cada cinco páginas. A cada cinco minutos. Pra ser sincera, tenho repetido essa palavra como a uma ladainha há pelo menos cinco meses.

Entenda que eu não falo a verdade com muita freqüência. Só pra ela, a mulher que eu queria ser. A presença que eu queria afastar, meu demônio

particular. “Conciliatória”, essa é a palavra que ela usa pra me definir. Por vezes ela me chama de política também. Ou diplomática. Isso quando não me chama simplesmente de pessoinha triste e patética. Eu a entendo.

Nosso relacionamento começou há pouco mais de um ano. Foi naquela época em que eu tinha o estranho hábito de sonhar que mastigava os dentes. Toda noite a mesma coisa, em cenários diferentes. Marina mastigando seus dentes. Marina mastigando seus dentes em roupa de gala. Marina mastigando seus dentes na ilha de *Lost*. Primeiro caía um caquinho, depois outro. Logo, a gengiva estava machucada e doía enquanto aquela massa de pequenos pedacinhos rolava de um lado pro outro da boca, pequenos pedaços e pequenas feridas. Pequenos pedacinhos de janela estilhaçada na boca. Pior de tudo é que eu fazia de propósito. No fundo eu sabia que não podia mais ficar com eles ali. Tinha de ser. Mas isso não vem mais ao caso. Só ela, suas palavras duras e os últimos cinco meses da minha vida são assunto aqui. Você não precisa saber tudo sobre mim. Nem eu quero isso.

O que eu admirava nela era mais a capacidade de passar ridículo na minha cabeça do que seu jeito de falar. Exagerada. Atormentadinha. Mimada. Egoísta. Essas são as palavras que formariam fila indiana para defini-la. Uma palavrinha atrás da outra. Um passo, um ponto entre elas. Verborrágica. Idiota. Sentimental. Beligerante. Histérica. *Loser*.

Quando nos conhecemos, ela abriu seus segredos em meia hora. Anos de angústia e fracassos amorosos em torrente. Ela me pareceu forte, cora-

josa e levemente estúpida. Sabe o tipo de estupidez que faz a pessoa criar metáforas sensacionais? Um dos garotos do almoxarifado era assim. Walmir, acho que era Walmir o nome dele.

Engraçado como usamos figuras do mundo como âncoras. Walmir é minha âncora aqui. Ele é o que te faz acreditar que realmente existiu um almoxarifado e metáforas levemente estúpidas e geniais um dia. Não, Walmir nunca existiu. Nem o almoxarifado. Na verdade, confesso, nem sei exatamente pra que almoxarifados servem, para além de te enganar aqui.

Mas F. — e vamos chamá-la apenas assim, como em Fabrícia, Fábria, Fátima, Fernanda, Fabíola, Fulana —, ela sempre consegue o que quer. E o que ela quer, a maior parte do tempo, é sentir a raiva que faz as pessoas se moverem. Não importa muito a finalidade disso tudo, desde que ela possa sair ferida o suficiente para ter motivo. Hiperbólica. Superlativa. Intensa. Exagerada. Problema.

Se ela estivesse aqui agora, diria que eu ponho panos quentes, que sou boazinha e tento sempre entender todo mundo. Pra mim, é tudo uma questão de limites. Por exemplo, eu sempre gostei de ver casais brigando no meio da rua. Fragmentos de frases que escapam de uma mágoa quase tão velha quanto a humanidade. “Ela estava dando em cima de você, Paulo”, “Você está louca? Quer dar escândalo aqui, no meio da rua?”. “Pode ir sozinho, eu fico aqui”. “Desce JÁ da MERDA desse carro”. Nunca senti esse tipo de coisa que faz uma pessoa gritar impropérios, mostrar a voz

embargada e a vontade de ferir com as unhas, de se mostrar a pessoinha triste e patética que é para todo mundo. Pelo menos, nunca tinha sentido antes de conhecê-la.

Na primeira vez que encontrei F., ela me disse que estava saindo de um relacionamento difícil. Disse que tinha raiva demais acumulada dentro dela, mas que havia caído da cama e acordado. Segundo ela, o relacionamento com um homem casado que conhecera algum tempo antes havia terminado da pior maneira possível. Como se houvesse uma boa maneira, realmente boa, de dar cabo de um relacionamento. Ainda me disse que precisava cuidar da sua vida, que havia mandado o cara pro inferno depois que ele fora à sua casa, não a comera e ainda reclamara da sua comida. A comida de F. é realmente péssima, hoje eu sei. O problema para ela, naquele momento, era o fato de ele ser um cara casado e não a comer. Muito humilhante, mesmo para uma amante. De alguma maneira, ela se sentia como se tivesse sido enganada. Cozinhara, arrumara a casa, passara a saia azul para ele. Mas nada. Talvez, numa dessas coisas que só a imaginação humana é capaz de inventar, ele tivesse ido para casa trepar com a mulher. Aquela vagabunda, que não teve trabalho algum no dia para alimentá-lo ou entretê-lo ganharia a trepada e o cuidado que pertenciam a F.

Mas isso foi apenas o começo. No segundo encontro, ela começou um jogo ainda mais cruel de verdades: começou a me contar seus pesadelos. Não que os pesadelos de F. fossem melhores ou piores do que os meus,

mas já é difícil conviver com os próprios sonhos ruins, que dirá com os dos outros.

E o pior de tudo é que eu tinha um estranho fascínio pelo que atormentava F., como se ela pudesse, de alguma forma, sendo quem era, ser simplesmente algo que eu não sabia ser. Gritona. Chorona. Atormentada. Verdadeira.

Tudo começou assim...

PRIMEIRO PESADELO

F. via os olhos do homem que mais amou na vida. F. via as mãos do homem que mais a magoou na vida. Palco, cortinas vermelhas de veludo, suaves quando tocadas do jeito certo, mas daqueles tecidos que arrepiam e travam os olhos quando tocados da forma errada.

O homem tentava falar, mas a sua cabeça havia se transformado em uma máscara de cola branca, amorfa. F. tentava tirar as finas camadas de cola como em uma brincadeira infantil, mas as palavras ficavam grudadas naquele amontoado plástico, como pequenas bolhas. F. usava unhas e dentes para tentar entender o que o homem queria, mas nada fazia som algum, nem ela. F. se espantava por não ouvir o barulho de sua própria respiração, como se estivesse ela também presa naquele emaranhado de não-palavras. Ofegante.

De repente, uma explosão mínima de ar, quase um sibilo e um único som: Fim.

A raiva de F. tornou-se tão grande que ela poderia simplesmente matar aquele homem, olhos e mãos, amor e abandono. Então ela começou o trabalho delicado de arrancar tudo o que podia dele. Pele, dentes, unhas, cílios. Tudo o que estava antes preso à cola começou a sair. E ela falou. Cada

pedaço de desconstrução que travava a garganta em um desespero de espera foi saindo. Cada palavra, cada acusação, rancor e mágoa em avalanche. O homem ria boca sem dentes e agitava as mãos sem linhas na palma. O homem chorava olhos sem pálpebras. As lágrimas tornavam a cola mais aguada, que escorria camada sobre camada, engolfando F. Ela destruiu os sons do homem que não a amava. F. se afogou em sua própria saliva, na cola, nas lágrimas, nas palavras. F. falou até não poder mais respirar. F. percebeu que nada daquilo adiantava, que o homem continuaria ali, rindo sem dentes, chorando sem pálpebras. O homem continuaria ali, olhos e mãos. F. sentiu câimbras nos dedos, viu suas mãos se transformando em garras. Sentiu embaixo das unhas o que sobrava do homem, como farpas. F. quis parar de falar e de chorar e de destruir o amor que sentia. Não conseguiu.

F. acordou molhada de suor, de baba, com a mandíbula travada e gosto de cola na boca.

Eu ouvia os pesadelos de F. e continuava impassível. Queria acreditar que aquelas metáforas eram simplistas demais, infantis demais, e nem eram tão engraçadinhas assim a ponto de eu querer me apaixonar por F. e magoá-la depois. Naquele tempo, nem isso eu queria. Apenas ouvir. F. contava seus pesadelos como quem porta medalhas, como quem acabou de aparecer na tevê. Vergonha e orgulho juntos, amontoadinhos no ego de F. E eu balançava a cabeça e sorria, batia palminhas nas costas da mão de F. e não perguntava nada. F. brincava comigo, trazia tijolinhos de desespero real pra minha casa e

os colocava no canto, como quem não quer nada, pra que eu os esquecesse ali. F. construía um muro silencioso dentro de mim.

Eu já conhecia o tipo de dor que não se diz e não queria desenganar F. em suas crises bobas de tristeza pós-tudo. Eu sabia quem eu era. Eu era a Marina, que mastigava os próprios dentes, e estava por acaso apenas acocorada no canto dos pesadelos de F.

SEGUNDO PESADELO

No segundo pesadelo, julguei F. levemente menos estúpida. Ela me disse que sonhara com uma velha muito velha que lhe contava pesadelos. Ou seja, ela me contava o metapesadelo da velha, algo bastante elaborado pra uma cabeça-oca como F. Eram sonhos com palavras amarradas por fios muito tênues de memória, como se as histórias se destacassem de quem as contava e pudessem ser tomadas no ar. Eram somente histórias de solidão, daquelas de se ver sozinha no meio do nada, no quarto com pequenas estátuas de porcelana e fotos, muitas fotos. A velha, descobriu-se depois, era F. ficando triste e cinza, encarquilhando aos poucos e sendo abandonada aos muitos. F. via todos partirem, todos morrerem ou a abandonarem e nada podia fazer, a não ser lembrar. Disse o amigo que envelhecer é catalogar perdas. Agora F. sabia a cica que tal biblioteca de memórias deixa na língua.

A velha ia contando do abandono com uma vozinha pequena como aquela minúscula pena que aparece do nada e só você percebe, um micro-pedaço de papel que não tem nem letra, sujeirinha do fundo do bolso.

O que assustava e mudava a velha de dona Benta para João e Maria era a “tristeza de nada pode acontecer naquela vida de novo”. F. sabia de seu futuro. Uma falta de movimento que escorre, angustia, desespera. A velha

lembrava e esquecia de si mesma com angústia, não como bênção. Falava da solidão e já mal conseguia ver para além daquela bailarina descorada de louça, aquela santa com filigranas douradas que se esvaíam com a morte de que a dera. F. queria esquecer, mas não assim. Queria ser só, mas não assim. A diferença entre ter controle e não ter. Como quando você sabe que vai bater o carro e não pode fazer nada. Ver sua memória indo embora para os mesmos erros. Ver a solidão fazer companhia junto do cobertor na cadeira e da televisão que “faz barulho pra parecer que tem alguém em casa”.

Não era uma angústia física, era pior. Era a certeza de não dar certo nunca mais. E nem saber disso mais. Vazio.

Para uma atormentadinha como F., a morte seria a aceitação. Budismo é o inferno para pessoas muito unhas e gritos. Em silêncio, F. não sabia nem chorar.

Mas o pesadelo, apesar de ter me assustado mais um tijolinho no muro, me acalmou também. Nós éramos feitas de matérias diferentes, eu podia cheirar. Nisso, e só nisso, eu sabia mais. No esquecimento fazia pequenos ninhos de algodão e bolinhas de poeira. Na solidão fazia uma casa e plantas e livros, de música e sons. Eu sabia esquecer e ser só.

TERCEIRO PESADELO

O terceiro pesadelo de F. me destruiu. Ele tratava de uma coisa muito complicada para mim. Na verdade, duas coisas: inveja e auto-imagem. F. teve o pesadelo perfeito, o que eu queria ter tido, o mais delirante e assustador dos pesadelos.

Ela sonhou que conseguia passar a mão pelo meu peito, desviar meu coração ainda pulsante, roçar o dorso da mão no músculo e penetrar o braço na minha alma. Segundo ela, parecia inseminar uma vaca: ela enfiava o braço até o ombro, sentindo diferentes gosmas na passagem. Era nojento, mas tinha algo de divino. Eu, no pesadelo de F., virava a vítima sacrificial, a intelectual expiatória, aquela que sentia com defeito e morreria por isso.

F. me contava detalhes do meu interior, dizia que sabia que estava me matando, que eu não poderia sair bem dessa, mas que tinha de continuar, força de moto-contínuo. Quando chegou à minha alma, encontrou lá toda sorte de cacarecos dispostos sem ordenação alguma. Fios e damascos secos mofados, fotos de polaróide, pequenos sustos e dentes, muitos dentes. Dentes inteiros e mastigados. Fragmentos de restaurações e pivôs. Dentes que deixam marcas e os que foram rangidos até a raiz, roídos como unhas. Trocetos de gengiva, dentes grudados, dentes podres de mendigos, com

furos pretos que se enchem de carne. Dentes amarelados, cheios de nicotina e dentes tão pequenos quanto brilhantes do anel solitário dos quinze anos. Dentes arrancados na porta e na ponta do alicate. Dentes de vítimas. Dentes que me mostrariam quem eu sou no raio-X.

De tão belo e assustador, eu quis engolir F. Tive inveja da beleza fria que ela me contava; tive amor por ela. Toda minha pena voltou-se contra mim, e me vi num canto sem histórias, sem ter como articular a palavra não sem dentes. F. me mostrou que era mais forte, me deu o Caos da história. E, de repente, eu gostava tanto de F. que não gostava mais de mim. Minha nova alma contaria pesadelos aos mortos; mas pesadelos menores, dos que não assustam a ninguém. Pesadelos que a gente descobre que são sonhos antes mesmo de acordar, com um cenário fraco e péssimos atores.

O FIM DE F.

F. me faz escovar os dentes de um jeito diferente toda manhã. F. construiu um muro e entrou na minha casa. Ela, a exagerada, a atormentadinha, a mimada, a egoísta.

Agora eu quero decorar F. Quero sorvê-la como quem bebe leite da caixinha, escondido de todos na casa, mas que deixa escorrer um fio acusatório de prazer. Eu quero ser F., ter F. Eu quero matá-la e comer a sua carne, como fazem os assassinos. E eu não sei nada disso de assassinatos ou do que sonham os loucos quando acordados. Eu não posso conviver com F. Eu não posso me afastar de F.

O problema, e sempre tem um problema, é que F. de repente começou a me evitar. Ela, muito patética e um pouco ingênua, achou que os dentes da minha alma eram sinal de “morte na família”. Ela procurou num dicionário de símbolos o significado dos sonhos e agora acha que o contato comigo desencadeará a série de mortes que a deixará solitária como no sonho da velha. F. não sabe de nada e diz tudo.

F. — e isso é o realmente estranho da história — passou a achar que eu a atormento. Ela não conseguiu perceber que trouxe o caos para a minha vida e descobriu o meu segredo. Quando cavou minha alma com

a mão, liberou uma angústia que não podia caber aqui. Agora eu quero restaurada a virgindade do “não-saber”. Antes eu sonhava que mastigava os dentes e não me importava. Antes tudo isso era apenas mais um fato da vida. Agora me vejo aqui, atormentada como F., querendo a raiva de F., vivendo a vida de F.

Mas vou procurá-la amanhã e dizer tudo isso àquela maldita putinha desesperada. Vou enfiar as unhas na cara de F. e arrancar a máscara daquele pequeno demônio. Máscara depois de máscara depois de máscara, vou desmontar F. Vou fazê-la precisar de mim e abandoná-la; vou quebrar seus pequenos dentes com o fundo da garrafa azul de vinho. Oito, dez pancadas e a sua boca estará sangrando como a minha. Assim ela não poderá contar seus sonhos perturbados a mais ninguém. Assim ninguém saberá que eu perdi a sanidade nos pesadelos de uma idiota. Ninguém saberá o prazer que eu sinto nos tormentos de F. Ninguém poderá me ver recitando como um rosário as palavras de F. Ninguém poderá perceber que penso em F. todo o tempo, que ela é minha nova paixão, meu pequeno desafio, minha raiva personificada, meu anjo da guarda, meu demônio pessoal, o descontrole da minha vida que anda por aí, sozinho. Ninguém saberá que F. sou eu quando eu não estou olhando.

Amanhã F. será silenciada.

Antes, eu tinha uma obsessão. Agora, tenho duas.



MOJO
SPECIALS

www.mojobooks.com.br